

Nas entrelinhas da prática artística e pedagógica da pintura

In the interlines of the artistic and
pedagogical practice of painting

En las interlineas de la práctica artística
y pedagógica de la pintura

Rosangela Marques de Britto (UFPA-Brasil) ¹

1 Docente do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará.
Artista Visual e doutora em Antropologia. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3188863381591509>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9458-3515>. E-mail:
rmb@ufpa.br

RESUMO

O artigo refere-se ao resultado de uma pesquisa em/sobre Artes Visuais/Pintura e em/sobre Arte/Educação, voltado à análise da metodologia de ensino/aprendizagem de duas disciplinas de Pintura do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Debruçou-se na seguinte questão: Como as práticas artísticas podem influenciar e serem influenciadas pela prática pedagógica? Adotou-se como metodologia a Abordagem Triangular: Ler, fazer/criar e contextualizar. A contextualização se fez presente nos processos de ler e de fazer uma virada etnográfica na arte contemporânea, que envolveu (auto)biografias, paradigma artista/professora/pesquisadora. Conclui-se que é impossível separar o eu profissional do eu pessoal e a importância de investigações que reflitam sobre as interseções entre criação artística e docência em Artes Visuais/Pintura no Ensino Superior.

PALAVRAS-CHAVE

Prática Artística; Prática Pedagógica; Artes Visuais; Pintura; Abordagem Triangular; Metodologia.

ABSTRACT

The article refers to the result of a research in/about Visual Arts/Painting and in/about Art/Education, aimed at analyzing the teaching/learning methodology of two disciplines of Painting of the Teaching Degree Course in Visual Arts of the Federal University of Pará. It focused on the following question: How can artistic practices influence and be influenced by pedagogical practice? The methodology adopted was the Triangular Approach: Read, Do/Create and Contextualize. In an ethnographic turn in contemporary art, which involved (auto)biographies, the artist/teacher/researcher paradigm, it is concluded that it is impossible to separate the professional self from the personal self and the importance of investigations that reflect the intersections between artistic creation and teaching in Visual Arts/Painting in Higher Education.

KEY-WORDS

Artistic Practice; Pedagogical Practice; Visual Arts; Painting; Triangular Approach; Methodology.

RESUMEN

El artículo se refiere al resultado de una investigación en/sobre Artes Visuales/Pintura y en/sobre Arte/Educación, con el objetivo de analizar la metodología de enseñanza/aprendizaje de dos disciplinas de la Pintura de la Licenciatura en Artes Visuales de la Universidad Federal de Pará. Se centró en la siguiente pregunta: ¿Cómo pueden las prácticas artísticas influir y ser influidas por la práctica pedagógica? La metodología adoptada fue el Enfoque Triangular: Leer, Hacer/Crear y Contextualizar. En un giro etnográfico en el arte contemporáneo, que involucró (auto)biografías, el paradigma artista/docente/investigador, se concluye que es imposible separar el yo profesional del yo personal y la importancia de investigaciones que reflejen las intersecciones entre la creación artística y la enseñanza de las Artes Visuales/Pintura en la Educación Superior.

PALABRAS-CLAVE

Práctica Artística; Práctica Pedagógica; Artes Visuales; Pintura; Abordaje Triangular; Metodología.

As experiências e seus gestos

Este artigo apresenta parte dos resultados de investigações em/sobre Artes Visuais/Pintura e em em/sobre Arte/Educação², voltados à análise das práticas artísticas/estéticas e pedagógicas vivenciadas nas disciplinas Fundamentos da Pintura e Laboratório de Pintura, com as turmas de 2023 do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará (UFPA). O artigo parte de reflexões sobre a relação entre ser artista visual/pintora e a inter-relação da pesquisa em/sobre Arte/Educação como contribuição ao tema central da revista “Entre abordagens, métodos e metodologias”, proposta aos(às) interessados(as), em refletir sobre as múltiplas possibilidades que permeiam o campo das Artes Visuais, em articulação com a Arte/Educação.

A pesquisa versa sobre as práticas³ pedagógicas, artísticas e estéticas interligadas, potencializando estas às dinâmicas dos processos de ensino/aprendizagem em pintura, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPA e o Atelier de pintura/trajetória da artista/professora/pesquisadora, autora deste artigo.

O artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de natureza qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa em/sobre Arte/Educação, em especial, o método da pesquisa-ação realizada no Atelier/Laboratório de Pintura. A pesquisa, intitulada “Atelier de Pintura: pesquisas e reformulações do ensino superior em Arte”, versa prioritariamente sobre os processos de ensino/aprendizagem de Pintura, no campo tradicional e expandido, tendo como principais interlocutores(as) os(as) discentes das disciplinas Fundamentos da Pintura e Laboratório de Pintura. O objeto de pesquisa é o processo de ensino/aprendizagem das duas disciplinas, centrado na análise das experiências vivenciadas pelos(as) discentes e pela docente, tendo como foco a escolha metodológica dos processos de instauração/criação artística/estética e pedagógica em Artes Visuais/Pintura, com base na Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa (2014).

A sala de aula como Atelier de Pintura é um lugar de experimentação e reflexão teórico-empírica, associado ao estímulo potencializador das ambiências dos lugares, ou seja, a constituição inventiva dos processos de ensino/aprendizagem em Artes Visuais efetivados nas ações realizadas em sala de aula, em áreas externas a ela, especificamente nas salas expositivas das galerias, museus e ateliês de artistas plásticos ou visuais. Os processos de ensino/aprendizagem em Artes Visuais no ensino superior envolvem a educação formal, educação não formal e a informal, bem como a reflexão crítica sobre a experiência vivenciada por docentes e discentes nas suas práticas artísticas, estéticas e pedagógicas, em interface com outras áreas do conhecimento, quando se fizer necessário.

2 As expressões “pesquisa em/sobre Arte/educação” (Pimentel, 2014) estão associadas à distinção “pesquisa em/sobre Artes Visuais” (Brittes; Tessler, 2002), diferenciando o processo de instauração/criação e a ação de investigar sobre determinado processo artístico, estético e pedagógico.

3 As práticas são interpretadas na dimensão da “arte como experiência” (Dewey, 2010) ao encontro da filosofia de John Dewey na prática da Arte/Educação (Barbosa, 2015).

Para Moacir Gadotti (2005), a educação não-formal dialoga com a educação formal. E ressalta que não podemos estabelecer fronteiras muito rígidas:

[...] O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. [...] Não podemos estabelecer fronteiras muito rígidas hoje entre o formal e o não-formal. Na escola e na sociedade, interagem diversos modelos culturais. O currículo consagra a intencionalidade necessária na relação intercultural pré-existente nas práticas sociais e interpessoais. Uma escola é um conjunto de relações interpessoais, sociais e humanas onde se interage com a natureza e o meio ambiente (Gadotti, 2005, p. 3-5).

Neste sentido, ao refletir sobre as práticas sociais e interpessoais no contexto da formação docente em Artes Visuais, compreendo que a construção processual da identidade de professora de Artes Visuais, segundo Lúcia Pimentel (2014, p. 21) resignificar-se de sentidos a partir da “premissa de que para ser professor de Arte é necessário ter uma prática artística e atividade de pesquisa”. Para a autora, não há dualidade nestas ações do(a) artista/professor(a) de Arte: “Não há como deixar de ser professor enquanto age como criador e não há como deixar de ser artista enquanto age como ensinador” (Pimentel, 2014, p. 17).

Neste contexto teórico-empírico, entendo que ser artista/professora/pesquisadora requer um investimento contínuo em cada uma ação. No caso, ser artista exige o trabalho criativo e produtivo constante; ser professora requer o investimento pedagógico e de educação estética continuada; e ser pesquisadora impulsiona aos questionamentos sistematizados acerca de olhar o mundo de forma investigativa e sistêmica, com base nas “pesquisas em/sobre Artes Visuais” (Brittes; Tessler, 2002) e “pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem” (Pimentel, 2014) em Artes Visuais.

A modalidade de pesquisa em Arte refere-se à criação das obras; e a pesquisa sobre Arte reporta-se à análise das obras, congregando a História da Arte, a crítica às teorias da arte e os conceitos de outras áreas do saber (Rey, 2002). Em ambas as modalidades há diferença apenas de intensidade deste pensamento visual⁴.

Seguindo esta diferenciação, Pimentel (2014) propõe duas modalidades de pesquisa – “sobre o Ensino/Aprendizagem de Arte e o Ensino/Aprendizagem em Arte”. A segunda modalidade é mais complexa, pois tem como objeto a ação em que o próprio pesquisador está envolvido. A pesquisa sobre ensino/aprendizagem de Arte pode ter como uma das vias de pesquisa o uso de materiais/processos inovadores para as produções artísticas, como as modalidades de pesquisa em/sobre Arte. Estas modalidades de pesquisa em/sobre ensino/aprendizagem estão inter-relacionadas em um mesmo fluxo de análises. Para a autora, o “estudo artístico e o

4 Esta modalidade de pensamento visual expressa-se por meio dos formantes da forma, da cor e das questões sobre espaço, lugar e suporte (Cattani, 2002). Ademais, a obra de arte é a materialização de gestos, processos e procedimentos no âmbito do pensamento visual. O instrumental plástico da obra/processo é composto por suportes, cores, linhas, formas, volumes, entre outros elementos visuais.

estudo pedagógico compõem, sincronicamente, o ponto de partida para a pesquisa *em/sobre Ensino/Aprendizagem de Arte*” (Pimentel, 2014, p.16).

Assim sendo, a próxima seção apresenta reflexões sobre a minha trajetória profissional de artista visual e professora/pesquisadora dos cursos de graduação em Artes Visuais da UFPA (Bacharelado e Licenciatura) desde 1992, com ênfase nas minhas escolhas teórico-metodológicas no ensinar/aprender pintura.

“Eu caçador(a) de mim”

Na voz de Milton Nascimento ecoa a canção “Caçador de Mim”, ponto de partida para a escrita autobiográfica, tendo como referente a pintura do autorretrato de uma artista visual e professora dos cursos de graduação em Artes Visuais da UFPA desde 1992. Apresento reflexões críticas sobre a importância desta abordagem biográfica para a qualificação da profissão do docente, aproximando ou tensionando o eu da pessoa ao eu do profissional, que se apresenta sempre em metamorfose.

Propõem-se, pelo método biográfico, tensionar – à pessoa e ao profissional – ao ser e ao ensinar Artes Visuais. A biografia é um gênero híbrido, que mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica (Dosse, 2009; Lejeune, 2014). Situa-se na tensão entre o ficcional e o científico, entre literatura e ciências humanas, conduzindo ao elemento central de uma epistemologia diferente ou do entremeio, o que Michel de Certeau denominou de uma “ficção científica” (Certeau *apud* Dosse, 2009, p. 242). Ademais, é significativo compreender que a escrita biográfica⁵ leva a três polos, que são o(a) autor(a), o(a) narrador(a) e o(a) personagem.

Neste artigo, a escrita (auto)biográfica é interligada à noção de projeto de vida, compreendido na dimensão individual e social, formulado num campo de possibilidades histórica e culturalmente circunscrito. Gilberto Velho (2008) interliga a noção de projeto ao de trajetória. Observando o seu ritmo e direção, a trajetória é percebida enquanto expressão de um projeto, “tanto em termos da própria noção de indivíduo como de temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes” (Velho, 2008, p.29).

O campo de possibilidades é a margem de manobra e iniciativas que os indivíduos ou grupos podem ter e, de certa forma, venham constituir a possibilidade de mudança social, que está relacionada à dimensão sociocultural, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas. Nesta direção, os indivíduos são feitos e refeitos através de suas trajetórias existenciais, onde a noção de metamorfose⁶ considera que as formas

5 Sobre a escrita (auto)biográfica, na distinção dos termos biografia e autobiografia, referendo-me em Philippe Lejeune (2014) e François Dosse (2009). A biografia disseminou-se com base na noção bios, que não se ocupa de retratar somente a vida no sentido biológico, mas também a maneira de viver, tendo como gênero exigências diferentes conforme os momentos históricos (Dosse, 2009).

6 Noção de metamorfose inspirada em Ovídio (1983 *apud* Velho, 1994, p. 8): “A metamorfose de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a

sofrem a ação do destino. Fica o registro de que as novas formas recuperam, tanto quanto possível, os materiais das velhas. Neste sentido, as manobras e iniciativas das escolhas dos trajetos, numa dimensão de projeto de vida, faz-se importante captar o jogo de permanência e de mudança.

A noção de metamorfose exposta por Velho (1994), associada à noção de “projeto de vida” (2008), induziu-me a revisitar minha trajetória profissional, associada às escolhas teórico-metodológicas e aos métodos de ensino/aprendizagem da pintura. Tais escolhas seguem impulsionadas pela letra da canção de Milton Nascimento: “Longe se vai sonhando demais. Mas onde se chega assim. Vou descobrir o que me faz sentir. Eu caçador de mim”.

Ponto as (in)congruências do fazer artístico e estético conectado às experiências didáticas que repercutem nas abordagens de ensino/aprendizagem da pintura, nos métodos e metodologias, ou seja, na inter-relação de dois campos disciplinares das Artes Visuais e da Arte/Educação. Desse modo, a Arte/Educação é interpretada como a epistemologia das Artes/Artes Visuais porque os temas em/sobre ensino/aprendizagem em Artes são questões que se inserem num campo mais amplo de construção do conhecimento, no âmbito da sensibilidade e da experiência. Os termos Arte e Educação separados por uma barra reportam-se aos campos disciplinares específicos das Arte e da Educação, assim como a sua abertura à inter-relação ou a interconexão, conforme nos esclarecem Barbosa e Lima (2024):

Arte/Educação, em nosso entendimento, é arte, é educação, refere-se ao que da arte e ao que da educação são convocados para o ensino e aprendizagem. Mas, de modo ampliado, também se refere aos processos de criação, às teorias, às experiências plurais nas aulas, nas pesquisas, nas mediações culturais, que revestem esta designação, Arte/Educação, de significações do nosso próprio e de outros tempos (Barbosa; Lima, 2024, p. 22).

Assim sendo, considero fundamental destacar a seguir, nos processos de ensino/aprendizagem na área de Artes/Artes Visuais, as experiências significativas que me tornaram artista/professora/pesquisadora no âmbito da Arte/Educação.

Trajetória interconectada

Nasci em 1965, em Belém, capital do estado do Pará. Iniciei o meu trajeto como artista em 1986, realizando a primeira exposição individual em 1987, na Elf Galeria de Arte⁷ e, desde então, participei em salões, mostras coletivas locais, nacionais e uma internacional, período bem produtivo neste campo entre 1980-1995. Após assumir

universos simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos” (Velho, 1994, p. 30, grifo do autor).

⁷ A Galeria Elf foi criada em 1981 por Gileno Müller Chaves (1943-2006), continua funcionando até hoje. Na década de 80-90 do século XX incentivou e apoiou jovens artistas e contribuiu para a formação de um colecionismo de arte em Belém.

outras responsabilidades, além da área artística e de ensino, o campo da Museologia e dos museus em Belém, onde atuei como gestora, impossibilitou-me a continuidade de uma produção mais sistematizada na área artística após esse período. Somente ao concluir o doutorado em Antropologia e retomar a atividade docente em 2016, reencontro-me com o fazer artístico/estético centrado na pintura.

No século XXI, participei de três mostras coletivas importantes: a primeira no âmbito do grupo de pesquisa Antropologia das Paisagens, intitulada “Paisagens de lance” (2016); a segunda mostra intitulada “A pintura vai bem, obrigado” (2017), no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas; e a terceira mostra sob a curadoria de Raphael Fonseca, a mostra coletiva itinerante “Fullgás - Artes Visuais e anos 1980 no Brasil”, aberta em 2024, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro e atualmente está em Brasília e depois vai para São Paulo e Minas Gerais. Nestas exposições coletivas criei, respectivamente, a série que representa plasticamente as paisagens de pertença e afetos acerca das memórias da pesquisadora e de seu interlocutor, Sr. Lili, representado em seis desenhos elaborados na técnica de carvão e pastel a seco sobre papel canson e áudio. Em complemento ao texto visual foi elaborado um áudio com recorte da entrevista concedida por esse interlocutor à pesquisadora (Fig. 1).



Fig. 01. Rosângela Britto, Praça da Sé” (Série Estudos do Cotidiano, 2016). Foto: Valério Silveira.

Esta instalação, composta por cinco pinturas em acrílica sobre tela, retratos do Sr. Lili, e uma tela que expressa o cotidiano do seu trabalho de rua na “Praça da Sé”, onde é vendedor de água de coco (Fig. 2). A instalação foi exibida durante a exposição “Paisagens de lance”, realizada no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. Neste

retorno ao fazer artístico, aproximo a pesquisa em poéticas à pesquisa etnográfica realizada entre 2010-2014.

Nas pinturas de 2017, apresentei uma série de retratos do Sr. Lili (Fig. 2), que o escolhi, dentre outros, por tê-lo próximo da figura do meu pai falecido, aproximando as nossas representações de personagem e autor/narrador. A série de retratos do Sr. Lili e o autorretrato da artista/pesquisadora e professora significa um entremeio de uma trajetória de vida, como um desvelar da subjetividade produzida e a busca da produção de subjetividade: é o ser em si (ontológico) e o ser para si (gnosiológico). Parafraseando Merleau-Ponty (2006, p. 569), "o ser para-si e o ser-no mundo é senão um ser de relação".



Fig. 02. Rosangela Britto, Série Praça da Sé - Sr. Lili - Retrato III, 2017. Foto: Octávio Cardoso.

O gênero pictórico do retrato e do autorretrato aproxima-se de uma narrativa (auto)biográfica, pois, ao criar a personagem ou a figuração do outro, reencontro-me

comigo – ou o que represento da minha figura enquanto personagem da história e memória narradas. Talvez esse autorretrato de escrita, como uma caçada, busca o aflorar de um futuro, do passado desta escrita de vida profissional de docente e artista visual.

Sobre esse retorno da artista ao cenário/circuito das Artes Visuais, a curadora Marisa Mokarzel (2023) destaca as questões da reflexividade do ritmo e direção do projeto de vida da artista/professora e professora/artista:

O confinamento prolongado se esgarça pouco a pouco e em espiral caminha para o epicentro no qual se comprimem e se expandem desejos e incertezas. Identidades que se camuflam, perdem-se no espelho. Em 2016, a exposição coletiva Paisagens de Lance [...] traz a tímida artista, atuando numa visualidade permeada por campos etnográficos. [...].

A Pintura Vai Bem Obrigada, com curadoria de Armando Sobral. Os vestígios da experiência que constitui a série Praça da Sé têm continuidade. Desta vez, rompe-se a timidez da artista, o campo de princípios etnográficos não deixa de existir, mas o que prevalece é o vigor da pincelada, a força matriz de uma potente pintora (Mokarzel, 2023, p. 5).

Em 2019, a convite da curadora e artista Nina Mattos, participei do Arte Pará, salão tradicional efetivado em Belém, na mostra realizada no Museu da Universidade Federal do Pará, intitulada “As Amazonas no Pará”. Nesta mostra foram apresentadas obras da década de 1980, em especial a pintura em pastel a óleo sobre suporte de papel (1986) foi escolhida pela curadora – e até então essa obra nunca havia sido exposta. Percebe-se um hiato de trinta e três anos entre a feitura e a exposição, veladamente proibida de ser exibida pela artista, por isso intitulei a obra de “Censura II” (Fig. 3). Essa obra também participa da mostra coletiva itinerante “Fullgás - Artes Visuais e anos 1980 no Brasil”.

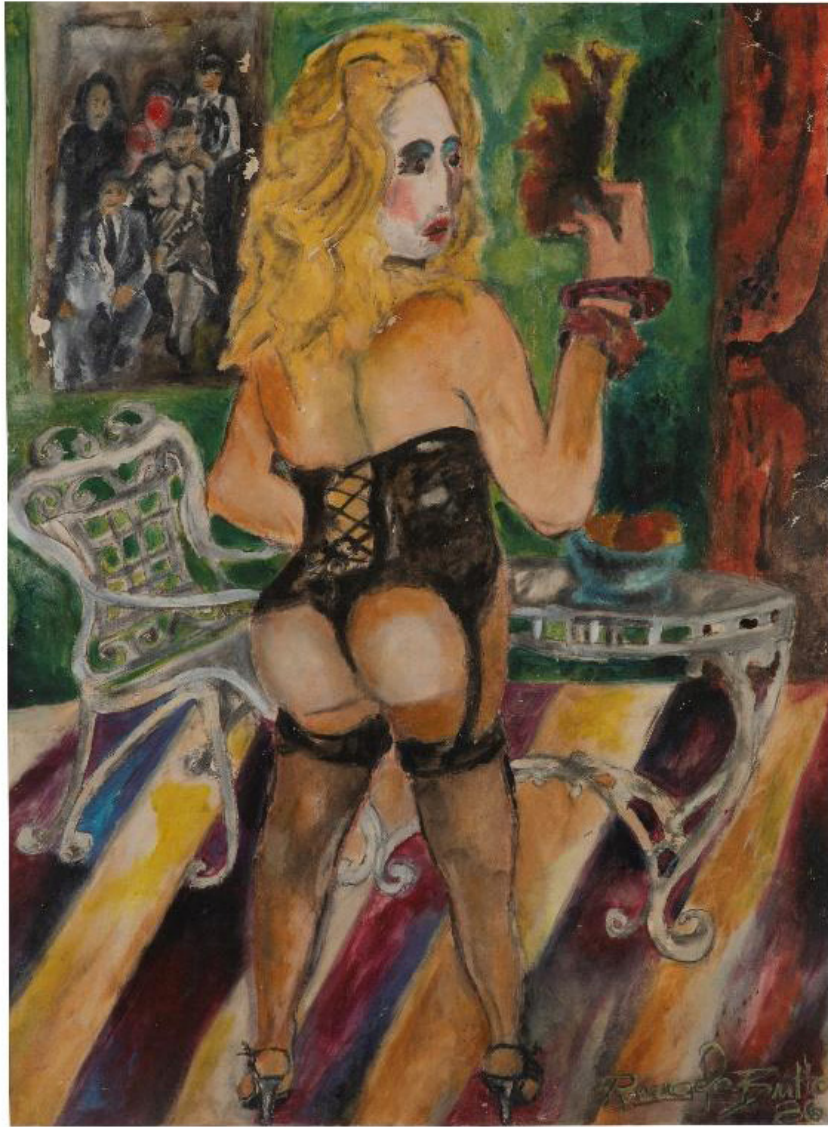


Fig. 03. Rosângela Britto, *Censura II*, 1986. Fonte: Acervo Coleção Amazoniana da UFPA. Foto: Octavio Cardoso.

Em 2022, esta mesma obra foi a referência para a realização de uma “releitura”⁸ (Barbosa, 1989) pela autora e pela artista Rafa Monteiro, mulher trans. A artista, que foi monitora da disciplina de pintura quando cursava Licenciatura em Artes Visuais, fez a sua releitura da obra; e os vários registros fotográficos realizados neste processo serviram de mote para a criação de uma série intitulada “Travestir-se” (Fig. 4), com obras produzidas em óleo sobre tela (70x50 cm cada), apresentadas na exposição individual realizada na Galeria Elf (2023), intitulada “Cor: corpos e tempos”, com curadoria de Marisa Mokarzel.

8 Refiro-me à Abordagem Triangular, sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa (2014).

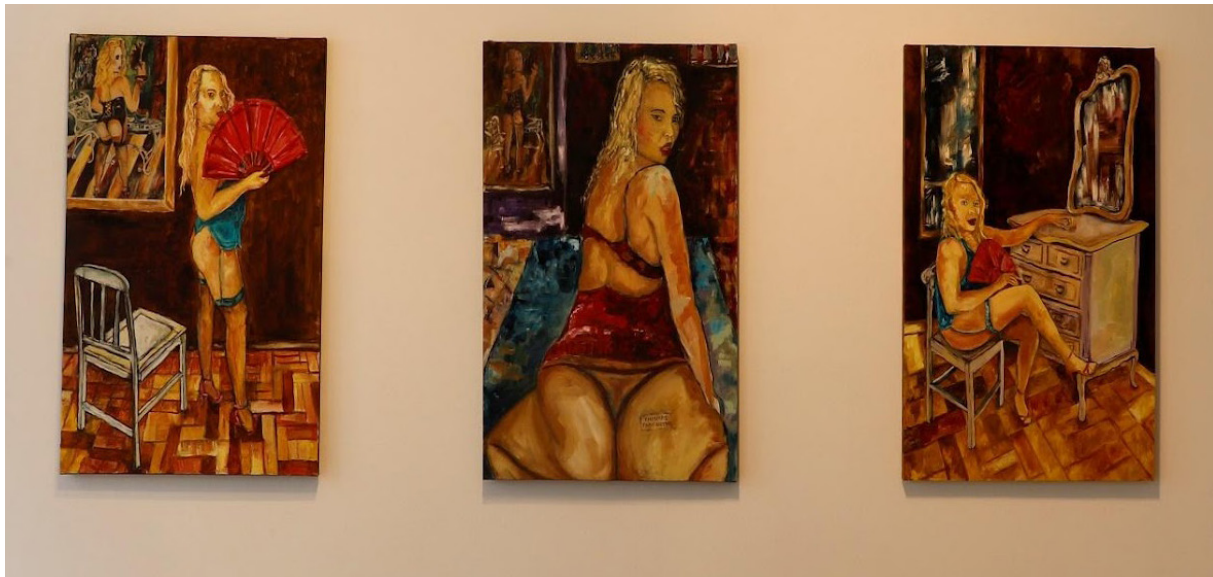


Fig. 4. Rosangela Britto, *Série travestir-se: O tempo e a personagem; Empurra para entrar; O Espelhamento*, 2022. Fotos: Octavio Cardoso.

Nesta série, as questões de gênero fluem com mais clareza e transformam-se em enfrentamentos coletivos. Outras pinturas da exposição individual, como as telas que compõem o “Ambiente Cor de Carne”, denotam uma paleta de cores e cenários que se aproximam de Toulouse-Lautrec, assim como “o convívio com o corpo trans da outra artista e amiga Rafa Monteiro, que posa criando a sua própria interpretação da travesti de 1986. Toda a série traz as nuances desta interpretação de si e do outro” (Mokarzel, 2023, p. 6).

O Autorretrato desenhado ou espatulado em momentos significativos do trajeto artístico nestas entrelinhas está relacionado ao que considero uma reflexão político-existencial. Na experiência de ensino da pintura, o sentido político baseia-se no pensamento plural, que consiste em pensar no lugar e na posição dos outros, justificando a dimensão de diferentes intensidades do político nas premissas, metodologias, métodos e escolha de conteúdo para qualificar a ação estética, artística e pedagógica ao encontro do outro, ou seja, a aprendizagem dos(as) discentes numa dimensão plural e diversa, respeitando suas biografias, trajetórias, como projetos de vida.

Ensino/aprendizagem da pintura no âmbito universitário

A disciplina Fundamentos da Pintura foi ministrada no segundo semestre letivo das turmas de 2023 do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPA, com 42 alunos – e contou com a estagiária de docência, discente da Pós-Graduação em Artes, Rafa Monteiro (artista trans, egressa do curso de Licenciatura). A outra disciplina, Laboratório de Pintura, com 28 alunos. A seguir, as ementas das disciplinas, conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura:

Fundamentos da linguagem pictórica: suportes, materiais e técnicas. Teoria e prática da cor. Estilos, correntes e tendências na pintura. Experiências técnicas de pintura; Desenvolvimento de poéticas pessoais baseadas no universo pictórico local, nacional e mundial. Pintura e meio ambiente. História e prática da pintura no processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento e o estímulo da criação a partir de análise e síntese da forma-cor. O suporte como objeto pictórico.

Compreender e conceituar a linguagem pictórica na cena artística contemporânea, em especial no âmbito das Artes Visuais realizada em Belém/Amazônia. Experimentar técnicas de pintura em suportes tradicionais e em diversos suportes. Desenvolver poéticas pessoais baseadas na pesquisa em artes visuais e a elaboração de memorial e portfólio (Colegiado, 2007).

Os objetivos específicos das disciplinas foram associados a três eixos: Experimentar o uso da Cor/fundamentos e (auto)representatividade às questões de gênero e étnico-racial; Documentar as poéticas que envolvam a criatividade individual e coletiva (portfólios); Relacionar os(as) artistas estudados ou em seus ateliês e/ou coleções de Arte do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas no processo de criação, Leitura/apropriação e contextualização da imagem pictórica e, ao final, formular propostas de ação educativa/recursos pedagógicos voltados à educação básica.

A base conceitual e metodológica dos planos de ensino das disciplinas de Fundamentos da Pintura e de Laboratório de Pintura foram sedimentadas na Abordagem Triangular, sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa em 1980 (Barbosa, 1998; 2009; 2014; 2018), focada na leitura, na contextualização e no fazer artístico inter-relacionados, sem hierarquização. Barbosa vem revisando a Abordagem Triangular, conforme exposto no livro *Tópicos Utópicos* (1998) e na revisão de dez anos de sistematização da então Metodologia Triangular em 2009, depois revista para proposta e como preferência da autora o termo abordagem é o atual. Na sétima edição do livro *"A Imagem no Ensino da Arte"* (2014), a autora destaca que a forma triangular de interpretação do processo não é a mais adequada, e cita a figura do ziguezague.

Os componentes da Abordagem Triangular, numa dimensão pós-moderna do ensino de Arte, pontuo como fundamentos teórico-metodológicos a dimensão do fazer associado à teoria e como criação, sem dicotomia entre teoria e prática da Arte, nas dimensões do fazer, conhecer e exprimir de forma inter-relacionada, conforme exposto por Luigi Pareyson (1989).

O componente relativo à leitura não é interpretado de forma restrita à construção de um repertório estético-visual das obras de arte, mas na dimensão que nos aponta Paulo Freire, de leitura crítica do mundo. Freire (1995, p. 8 *apud* Pillar, 1999, p.14) considera que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, inicialmente, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, "não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade".

Analise Dutra Pillar (1999) adverte sobre a diferença entre leitura e releitura, destacando que a releitura não é uma cópia. Há a criação e transformação do referente

ao texto/imagem visual que pode ser tramado num diálogo explícito ou implícito. Releitura, “entendida como um diálogo entre textos visuais, intertextos, podemos nos valer ou não de dados objetivos que a obra referente contém para criarmos” (Pillar, 1999, p. 20).

Nestes aspectos, soma-se a contextualização que, segundo Ana Mae Barbosa (2018), é vista em vários vértices da aprendizagem, no fazer arte, exige-se a contextualização, que é a conscientização do que foi realizado, assim como em qualquer leitura como processo de significação, exige-se a contextualização para ir além da simples apreensão da obra.

Associando a prática artística, destaco a adoção da Abordagem Triangular no meu processo de pesquisa em poéticas, na instauração das séries “Praça da sé”, “Travestir-se” e outras não expostas, como a série “Urbes” e a “Girassóis para Van Gogh”. Essa mesma Abordagem Triangular sedimenta a relação teórico-prática da professora/artista/pesquisadora em sua pesquisa em Arte/Educação.

Exemplificar com uma orientação comum, que sedimentou duas ações didáticas, estética e artística, nas turmas de Fundamentos da Pintura e Laboratório de Pintura, associadas a mostras coletivas (“Amazônia Presente”⁹) e contato com o processo de criação e expressão de alguns artistas, como Eder Oliveira, licenciado em Educação Artística-Artes Plásticas pela UFPA em 2007, cujo eixo de criação é o homem amazônico, em obras que instigam representações associadas ao retrato, refletindo sobre a imagem e o poder em sociedades hegemônicas. A Fig. 5 apresenta a pintura de Eder Oliveira exposta na mostra “Amazônia Presente”. A obra integra parte da pesquisa intitulada “Páginas vermelhas”, em que o artista parte das páginas policiais dos jornais de Belém e realiza a pintura a óleo sobre tela, sobre parede da rua e nas paredes das galerias.

⁹ Exposição realizada no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, com curadoria de Alexandre Sequeira e John Fletcher. Mostra com acervo da instituição, com seleção de 49 artistas, incluindo obras em gravura, pintura, escultura, objeto, instalação e performance.



Fig. 05. Eder Oliveira. Sem Título, 2017. Fonte: Acervo Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. Foto: Autora.

Orientei que cada discente realizasse a pesquisa para o processo de instauração de sua obra, inicialmente sobre o(a) artista indicado(a) e seu processo de criação, em especial, a temática abordada em relação à sua trajetória de vida, bem como a indicação de que cada discente refletisse sobre o seu trajeto de vida e suas questões de gênero e/ou étnico-raciais. Como parte do processo, foi adotada a elaboração do diário de bordo. O exercício pautou-se no estudo da teoria das cores e sua aplicação na pintura, sobretudo no gênero do autorretrato.

A seguir, exponho exercícios desenvolvidos por um discente de cada disciplina. Na disciplina Laboratório de Pintura, Jonathan Clark Dutra inicialmente desenvolve a obra intitulada “O Corpo trans” (Dutra, 2023, p. 3), produzida em papel kraft, lápis 4B, lápis de cor e pastel a óleo, acompanhada de uma poesia do autor (Fig. 6).

Corpo sendo exprimido,
Corpo que quero moldar,
[...]
A violência tá aí e não quer parar,
A violência tá aí e não deixa intimidar,
Nela mora os medos de muita gente como eu,
Nela mora os medos de corpos trans que
nem o meu,
Nesse lugar que não é lugar vivem pessoas
ruins,
Não adianta, elas podem tentar de tudo para
nos mudar,
Mesmo usando tudo contra nós, corpos trans
não vamos nos abalar,
Mesmo usando tudo contra nós, corpos trans
não nos mudar.



Fig. 06. Jonathan Clark, O corpo trans, 2023. Foto: Autora.

Em desdobramento, Jonhatan realizou a obra “O sonho”, em seus termos: “Este trabalho foi feito em tamanho grande para alcançar o mais próximo possível do meu tamanho em altura real [...] nele, foi pintado uma bandeira trans” (Dutra, 2023, p. 3). O estudo foi realizado digitalmente, usando fotografias; a realização no Laboratório de Pintura utilizou como técnica acrílica sobre tela, na dimensão 163 x 77cm (Fig. 7).



Fig. 07. Jonathan Clark Dutra, *O Sonho*, 2023. Foto: Autora.

A outra experiência da atividade na disciplina de Fundamentos da Pintura desdobrou-se em etapas, que incluíram exercícios, reflexões e escrita acerca de todo o processo. Dessas experiências, destaco os exercícios da discente Evelyn de Lima, que assina como Ewe, apresentando suas duas pinturas realizadas na técnica de acrílica sobre tela (Fig. 8). Em seu memorial, ela descreve o processo das obras:

Antes de começar o autorretrato eu olhei algumas fotos minhas e também utilizei a câmera do celular para pegar os detalhes, decidi usar uma característica marcante que é um penteado muito utilizado por mim além minhas sobrancelhas grossas e um brinco de pena de garça que eu fiz. É um retrato apenas do rosto, meu rascunho foi feito com olhos, nariz e boca, porém, decidi não os colocar na finalização do rosto pois me agradou esteticamente ver a pintura sem eles.

O processo de realização da obra foi muito influenciado pelo contexto de outra matéria do semestre que é Arte Afro-brasileira. Escolhi representar o orixá Ogum, que achei muito interessante, peguei algumas referências na internet para esboçar e utilizei suas cores características para pintar (Lima, 2023, n.p.).



Fig. 08. Ewe, Sem título, 2023. Foto: Autora.

As experiências vivenciadas em cada disciplina no Curso de Licenciatura em Artes Visuais possibilitaram inferir que as práticas artísticas/estéticas/pedagógicas fundamentadas na Abordagem Triangular, foram essenciais na condução do ensino/aprendizagem de Arte/Artes Visuais de forma criativa, crítica e reflexiva, de modo ampliado nas aulas e nas mediações arte/público.

Considerações Finais

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou Feroz
Eu, caçador de mim
Milton Nascimento, Caçador de mim

No trecho poético da música de Milton Nascimento recorro mais uma parte do verso, que ecoa nas entrelinhas deste artigo ao tecer a autobiografia da artista/professora/pesquisadora de Artes Visuais e as práticas artísticas/estéticas e pedagógicas. A caçada como busca do autoconhecimento e da identidade profissional narrada como projeto de vida, em metamorfose.

O foco da reflexão exposto neste artigo visou inter-relacionar as experiências de ensino/aprendizagem em duas disciplinas de pintura realizadas no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará e a prática artística e estética em pintura da docente em Artes Visuais, apresentando sua biografia como artista mulher, negra e nortista (Belém-PA). A questão posta foi: Como as práticas artísticas/estéticas podem influenciar e ser influenciadas pelas práticas pedagógicas?

Uma linha tênue e imaginária se traça entre essas práticas, que envolvem a constituição do ser artista e ser professor(a) de Artes Visuais, que ao longo da articulação do texto mesclam as fronteiras até a fusão do eu profissional ao eu pessoal.

Nestas veredas teórico-empíricas da pesquisa foram narradas a construção processual da identidade da professora de Artes Visuais/Pintora, as escolhas de seus campos de possibilidades do seu trajeto como projeto de vida, que foram sendo entrelaçados à autobiografia da artista, em seu processo de pesquisa em poéticas, em busca do diálogo com o outro. De fato, é impossível separar o eu profissional (artista/professora) do eu pessoal. Observa-se na narrativa que a prática pedagógica foi conduzida ou potencializada com a prática artística e estética da pintora. Neste sentido, a sala de aula universitária se ressignifica como Ateliê de Pintura. Ou seja, transforma-se pelo(a) discente em um espaço de experimentação e de reflexão teórico-empírica sobre o seu lugar social no mundo e de seu conhecimento sobre o sistema da Arte, em especial, ao papel do(a) artista, suas representações referentes às questões étnico-raciais e/ou de gênero, assim como o seu saber técnico e desempenho experimental.

Os(as) discentes, em seus exercícios pictóricos relatados, desdobram-se acerca do estudo das teorias das cores, técnicas de pintura em suportes diferentes e experienciam suas (auto)biografias, explorando a aplicação do gênero pictórico do retrato ou do autorretrato. Assim, a Abordagem Triangular foi a escolha teórico-metodológica que se apresentou eficaz para a pesquisa em Arte/Educação, revelando

a sua relevância ao ensinar/aprender a Pintura como uma forma de arte que possibilita a expressão e comunicação de ideias e o conhecimento de si e da percepção das realidades socioculturais cotidianas.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. Uma introdução à arte/educação contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 11-22.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. O ensino das Artes Visuais na Universidade. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 331-347, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180048>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da Arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae; LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de. In: **Léxico da Arte/Educação Brasileira**. Curitiba: CRV, 2024. p.18-23.
- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- CATTANI, Icleia B. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002. p. 37-49.
- COLEGIADO do Curso de Artes Visuais (Org.). **Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais**. Proposta de atualização curricular e mudança de licenciatura em educação artística habilitação em artes plásticas para graduação em artes visuais nas modalidades licenciatura e bacharelado. Belém: UFPA/FAV/ICA, 2007. 56p. (impresso).
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUTRA, Jonathan Clark Lobo. **Memorial da Obra: O Corpo Trans**, 2023. Belém: UFPA, 2023. Impresso.

DUTRA, Jonathan Clark Lobo. **Memorial da Obra: O Sonho**, 2023. Belém: UFPA, 2023. Impresso.

DOSSE, Françoise. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: IDE, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/jspui/bitstream/123456789/54490/1/gadotti-educacao-nao-formal.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025

LEJEUNE, Philippe (Org.). **O pacto Autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: EDUFMG, 2014.

LIMA, Evelyn. **Segunda Avaliação Disciplina Fundamentos da Pintura e Autoavaliação Final 2023.4**. Disciplina Fundamentos da Pintura. Planilha do Formulário Google Forms. Belém: UFPA, 2023.

NASCIMENTO, Milton. **Travessia: Caçador de mim**. Letra: Sergio Magão, Luiz Carlos. CD, Universal Disco, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOKARZEL, Marisa. Cor: Corpos e Tempos. In: BRITTO, Rosangela (Org.). **Cor: Corpos e Tempos**. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2023. p.1-5. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1198>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PAREYSON, Luige. Definição de arte. In: PAREYSON, Luige. **Os problemas da estética**. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In: PILLAR, Analice Dutra. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.p.9-21.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Pensamentos e procedimentos de pesquisa em/sobre Artes. In: ROCHA, Maurilio Andrade; MEDEIROS, Afonso (Org.). **Fronteiras e Alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade**. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes, 2014. p.15-23.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002. p. 125-140

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Submissão: 25/04/2024

Aprovação: 17/05/2025